



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS - FRANCÊS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM
LETRAS - FRANCÊS

ANDREA MARLEY CHAGAS CÂMARA

***L'EXCÈS – L'USINE* (1982), DE LESLIE KAPLAN:**
uma tradução comentada (e inédita) para a língua portuguesa

João Pessoa

2023

ANDREA MARLEY CHAGAS CÂMARA

***L'EXCÈS – L'USINE* (1982), DE LESLIE KAPLAN:**

uma tradução comentada (e inédita) para a língua portuguesa

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para conclusão do curso de Graduação em Licenciatura em Letras - Francês, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Andrade Féres

João Pessoa

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C1721 Camara, Andrea Marley Chagas.

L'excès - L'usine (1982), de Leslie Kaplan : uma tradução comentada (e inédita) para a língua portuguesa. / Andrea Marley Chagas Camara. - João Pessoa, 2023.
34 f. : il.

Orientador : José Roberto Andrade Féres.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2023.

1. Kaplan, Leslie. 2. Literatura francesa contemporânea. 3. Tradução. I. Féres, José Roberto Andrade. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 81'25

Universidade Federal da Paraíba
Pró-reitoria de Graduação
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Letras Estrangeiras Modernas
Curso de Graduação em Licenciatura em Letras – Francês

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso

L'EXCÈS – L'USINE (1982), DE LESLIE KAPLAN:
uma tradução comentada (e inédita) para a língua portuguesa

Elaborado por
Andrea Marley Chagas Câmara

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciatura em Letras - Francês.

João Pessoa, ____ de _____ de _____

Professor Dr. José Roberto Andrade Féres – Orientador – DLEM/UFPB

Professor Dr. José Alexandrino de Souza Filho – Banca Examinadora – DLEM/UFPB

Professor Dr. Gustavo Lopez Estivalet – Banca Examinadora – DLEM/UFPB

João Pessoa, 31 de outubro de 2023

“Não há nada de mais difícil [...] e nada de mais raro do que uma excelente tradução, porque nada é mais difícil nem mais raro do que alcançar o justo equilíbrio entre a licença do comentário e a servidão da letra. Um apego excessivamente escrupuloso à letra destrói o espírito, quando é o espírito que vivifica; excessiva liberdade destrói os traços característicos do original, faz-se uma cópia infiel dele.”

(Nicolas Beauzée, 1765)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Divindade Criadora Universal, por me presentear com a vida e me permitir fazer dela a oportunidade singular de escolher caminhos e construir uma jornada plena de experiências, significados e aprendizados. Dedico-o ainda a todos cujos caminhos em algum momento cruzaram ou seguiram junto com o meu e que colaboraram, consciente ou inconscientemente, para que ele fosse um caminho do coração.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de registrar minha profunda gratidão a todo o corpo docente do curso de Letras - Francês desta instituição, pelo incentivo e apoio incondicionais prestados ao longo de toda a jornada, fontes de inspiração e esperança para me manter seguindo em frente.

Agradeço em especial ao meu orientador, Prof. Dr. José Roberto Andrade Féres, por me apresentar o universo da Tradução, por me apontar caminhos para seguir ativa nele, e, sobretudo, por me aceitar como orientanda neste trabalho. Grata pela generosidade, pela exemplar gentileza e sobretudo pela imensa paciência que sempre demonstrou ao longo de toda minha formação e, marcadamente, na empreitada desta monografia.

Agradeço aos membros da banca examinadora, Profs. Drs. José Alexandrino de Souza Filho e Gustavo Lopez Estivalet, por aceitarem contribuir ainda mais com meu aperfeiçoamento e amadurecimento no caminho profissional da Letras, reiterando a generosidade e a paciência que sempre me dedicaram.

Agradeço ainda aos familiares, amigos e colegas que sempre torceram para que eu seguisse em busca do que me trouxesse o melhor sentimento e a expressão do meu melhor viver, e me presentearam, cada um a seu modo, também com o seu melhor: palavras, sorrisos, silêncios, ouvidos, gestos, desenhos, doces, livros, orações e apoio logístico.

RESUMO

Esta monografia teve por objetivo geral realizar uma tradução comentada para o português brasileiro da obra contemporânea francesa *L'excès - L'usine*, escrita por Leslie Kaplan e publicada originalmente em 1982 (Hachette/P.O.L.). Nesse intuito, foram estabelecidos como objetivos específicos: analisar a situação de autora e obra no contexto de partida; delimitar uma postura tradutória coerente com o estilo autoral e a interpretação da obra; identificar e encontrar soluções fundamentadas para as dificuldades do processo tradutório. Procedeu-se a um levantamento biobibliográfico da autora em paralelo a leituras da obra e de textos colaterais, seguidos das etapas de tradução e análise crítica. O resultado tradutório, *O excesso – A fábrica*, foi apresentado em conjunto com as observações analíticas e decisórias consideradas relevantes. O trabalho utilizou o embasamento teórico de estudiosos da tradução como Lawrence Venuti (1995) e Michaël Oustinoff (2011), concernente a métodos, operações e perspectivas tradutórias, recorrendo ainda à sistematização sobre crítica literária proposta por Antoine Berman (1995) e à tradução criativa em poesia, segundo entendimento de Haroldo de Campos (2003). O estilo peculiar e a riqueza simbólica da obra delimitaram uma postura tradutória conciliadora, voltada ora para a literalidade, ora para o sentido, conforme as necessidades denotadas pelo texto. A tradução inédita para a língua portuguesa de uma obra literária dotada de riqueza estilística e contextual, além de contributiva às discussões acadêmicas sobre o tema, oferece a possibilidade de aumentar o acesso à obra de Leslie Kaplan para um público potencialmente impedido de fazê-lo pela barreira linguística.

Palavras-chave: Leslie Kaplan. Literatura contemporânea francesa. Tradução.

ABSTRACT

The general objective of this monograph was to produce an annotated translation into Brazilian Portuguese of the contemporary French work *L'excès - L'usine*, written by Leslie Kaplan and originally published in 1982 (Hachette/P.O.L.). To this end, specific objectives were established: analyze the author's and work's status in the departure context; define a translation stance consistent with the author's style and interpretation of the work; identify and find well-founded solutions to difficulties in the translation process. A biobibliographical survey of the author was carried out together with readings of the book and collateral texts, followed by the translation and critical analysis stages. The translation result, *O excesso – A fábrica*, was presented together with the analytical and decision-making observations considered relevant. The work used the theoretical basis of translation scholars such as Lawrence Venuti (1995) and Michaël Oustinoff (2011), concerning translation methods, operations and perspectives, also using the systematization of literary criticism proposed by Antoine Berman (1995) and creative translation in poetry, according to Haroldo de Campos (2003). The peculiar style and symbolic richness of the text delimited a conciliatory translation attitude, focused either on literalism or on meaning, according to textual needs. This unprecedented translation into Portuguese of a literary work endowed with stylistic and contextual richness, in addition to contributing to academic discussions on the subject, offers the possibility of increasing access to Leslie Kaplan's work for an audience potentially prevented from doing so by language barriers.

Keywords: Leslie Kaplan. Contemporary French literature. Translation.

RÉSUMÉ

L'objectif général de cette monographie était de produire une traduction annotée en portugais brésilien de l'ouvrage français contemporain *L'excès - L'usine*, écrit par Leslie Kaplan et initialement publié en 1982 (Hachette/P.O.L.). Pour cela, des objectifs précis ont été fixés : analyser la situation de l'auteur et de l'œuvre dans le contexte de départ ; définir une position de traduction cohérente avec le style de l'auteur et l'interprétation de l'œuvre ; identifier et trouver des solutions fondées aux difficultés du processus de traduction. Une recherche biobibliographique de l'auteur a été réalisée ainsi que des lectures inhérentes au travail, suivies des étapes de traduction et d'analyse critique. Le résultat de la traduction, *O excesso – A fábrica*, a été présenté ajouté des remarques critiques jugées pertinentes. Le travail s'est appuyé sur des bases théoriques conceptuelles de chercheurs en traduction tels que Lawrence Venuti (1995) et Michaël Oustinoff (2011), en utilisant également les propositions d'Antoine Berman (1995) sur la critique littéraire et la traduction créative en poésie selon Haroldo de Campos (2003). Le style singulier et la richesse symbolique de l'œuvre ont délimité une position de traduction conciliante, centrée soit sur la littéralité, soit sur le sens, selon les besoins dénotés par le texte. La traduction inédite en portugais d'une œuvre littéraire d'une richesse stylistique et contextuelle, tout en contribuant aux débats académiques sur le thème, offre la possibilité d'élargir l'accès à l'œuvre de Leslie Kaplan au public.

Mots-clés: Leslie Kaplan. Littérature française contemporaine. Traduction.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Contextos da fabricação de <i>L'excès - L'usine</i> (1982).....	12
1.2 Leslie Kaplan: uma biografia engajada.....	14
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
3. METODOLOGIA.....	17
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	18
4.1 Apresentação do <i>corpus</i> de trabalho.....	18
4.1.1 <i>A obra original: L'excès - L'usine (1982).....</i>	18
4.1.2 <i>O excesso – A fábrica: a tradução comentada (dificuldades, reflexões e escolhas do processo tradutório).....</i>	21
4.2 O enfoque no onipresente “on”	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	29
APÊNDICES.....	31
APÊNDICE A – Excertos da tradução do primeiro capítulo de <i>L'excès - L'usine</i>, de Leslie Kaplan, para o português brasileiro.....	31
APÊNDICE B – Excertos da tradução do segundo capítulo de <i>L'excès - L'usine</i>, de Leslie Kaplan, para o português brasileiro.....	32
APÊNDICE C – Excertos da tradução do terceiro capítulo de <i>L'excès - L'usine</i>, de Leslie Kaplan, para o português brasileiro.....	33
APÊNDICE D – Excertos da tradução do quarto capítulo de <i>L'excès - L'usine</i>, de Leslie Kaplan, para o português brasileiro.....	34

1. INTRODUÇÃO

Em meio aos valiosos tesouros de conhecimento que me foram generosamente ofertados ao longo deste curso, considero um privilégio ter sido apresentada, através do professor José Roberto Andrade Féres e sua excelente disciplina “Introdução aos Estudos da Tradução”, ao universo da tradução enquanto ofício, como uma das formas de exercer o admirável trabalho de tessitura das Letras que sempre me fascinou. A atividade tradutória, naturalmente paralela ao estudo das línguas/culturas estrangeiras, sempre esteve em acirrada disputa pela preferência na definição de um norte em meu horizonte profissional. Assim, não foi surpresa que ela terminasse por arrematar o timão dos estudos na rota final, dentre os vários campos temáticos que suscitaram meu interesse no decurso da graduação.

Por conseguinte, esta monografia apresenta uma tradução inédita e comentada, para o português brasileiro, da obra contemporânea francesa *L'excès - L'usine* [*O excesso – A fábrica*]¹, de Leslie Kaplan, lançada originalmente em 1982, pela casa editorial Hachette sob o selo de edições de bolso P.O.L. Convém esclarecer que o trabalho tradutório aqui apresentado é uma versão individual e inicial, executada especificamente para esta finalidade acadêmica, cuja inspiração deriva de um projeto de tradução coletiva do referido volume, ainda em seu princípio, proposto e coordenado por José Féres, a qual será objeto de futuras discussões, revisões e definições editoriais para fins de publicação. Por isso, e sobretudo para poder atender às demandas do cronograma de execução monográfica, optei por traduzir concretamente os quatro primeiros capítulos da obra, por acreditar que me forneceram elementos suficientes para atender aos objetivos estabelecidos.

L'excès - L'usine resulta do testemunho reflexivo de uma experiência marcante, vivida pela própria autora, associada a um relevante momento histórico de cunho político: a aliança entre intelectuais e operários na prática da rotina fabril, seguindo convicções políticas e ideais revolucionários que mobilizaram grande número de jovens acadêmicos para o trabalho manual nas fábricas francesas nos anos 1960 (RÉMY, 2014). Ao recriar cuidadosamente a vivência a partir do interior da fábrica e a constatação empírica das duras condições de trabalho, Leslie Kaplan produziu um relato singular que se liberou das normas narrativas correntes, entrelaçando prosa e poesia na configuração de um texto cuja aparente simplicidade e impessoalidade ocultam simbolismos e correlações em um rico contexto social, político e histórico.

¹ São minhas as traduções para a língua portuguesa aqui apresentadas que não receberem citação autoral.

O presente trabalho teve por objetivo geral executar e analisar o processo tradutório de *L'excès - L'usine*, da escritora franco-americana Leslie Kaplan, da língua francesa para o português brasileiro. Nesse intuito, busquei situar autora e obra no contexto de partida através de um levantamento biobibliográfico, além de delimitar uma postura tradutória coerente com os aspectos estilísticos e interpretativos do texto original, bem como proceder à solução crítica das dificuldades detectadas no processo de execução do trabalho. Deste modo, além de promover uma reflexão acadêmica sobre o processo tradutório de textos literários contemporâneos, este trabalho espera contribuir com a difusão da obra de Leslie Kaplan, pouco conhecida entre os leitores de língua portuguesa, através do acesso que a tradução oferece para um público potencialmente impedido de fazê-lo pela barreira linguística.

O trabalho utilizou o suporte teórico de estudiosos do tema, como Lawrence Venuti (1995) e Michaël Oustinoff (2011), a respeito de perspectivas e procedimentos em tradução. A execução e análise do processo tradutório recorreu ainda às ideias de Haroldo de Campos (2006) concernentes à tradução criativa em poesia, bem como à sistematização proposta por Antoine Berman (1995) para uma "crítica das traduções", em virtude da equivalência, apontada pelo próprio autor, com procedimentos que se esperaria serem adotados pelo tradutor durante seu processo de trabalho.

Esta monografia é composta de cinco capítulos principais. Após essa parte introdutória, complementada por um panorama contextualizado da vida e obra de Leslie Kaplan, apresento na sequência a fundamentação teórica e os procedimentos metodológicos realizados. A quarta parte trata dos resultados e discussões pertinentes, iniciando-se com a apresentação detalhada do *corpus* de trabalho, seguida da análise crítica do processo tradutório e do resultado da tradução, contemplando ainda um tópico sobre o recorte realizado na análise. A parte final traz as considerações e conclusões depreendidas do trabalho.

1.1 Contextos da fabricação de *L'excès - L'usine* (1982)

Segundo informado na versão eletrônica da *Encyclopédie Larousse* (c2023)², os eventos de maio de 1968 referem-se a um amplo movimento de contestação social, cultural e política surgido na França, no período entre maio e junho do mesmo ano. Oriundo de revoltas estudantis no seio de universidades francesas, o movimento alcançou proporções gigantescas, desencadeando greves, ocupações de instituições e fábricas, crise social generalizada e instabilidades políticas no Estado francês (espalhando-por outros países), chegando a abalar os fundamentos da sociedade francesa.

Em uma análise da influência do contexto histórico e político sobre a obra de Leslie Kaplan, Julien Lefort-Favreau (2018, p. 97-101) afirma que para compreender plenamente a importância de maio de 1968 e seu alcance na obra autobiográfica de Kaplan, é necessário ter em mente a herança proporcionada pela geração que a precede, e que estabeleceu uma política literária que articulava o compromisso político e a experiência subjetiva da história. O autor destaca um grupo de escritores e intelectuais, dentre os quais figuravam Marguerite Duras e Maurice Blanchot, que se reuniam desde o fim dos anos 50. À época dos eventos de 1968, o anonimato adquiriu um valor político fundamental para esses escritores, criando a possibilidade de reativar os ideais comunitários que regiam seu engajamento comunista e de se livrarem da imagem do intelectual que guiava as massas rumo à sua emancipação. Ainda segundo Lefort-Favreau (2018), na esteira de maio de 1968 foi possível construir uma identidade política através da literatura, sendo Kaplan herdeira dessa concepção de engajamento literário.

A singularidade do trabalho de Kaplan no campo da literatura contemporânea, sobretudo nos questionamentos da relação entre autobiografia e política, é enfatizada por diversos estudiosos do tema (BLANCHOT, 2020; LEFORT-FAVREAU, 2018; RÉMY, 2014). Ela é um exemplo da dificuldade de se determinar a natureza precisa dessa posteridade literária e, portanto, de se enquadrar literariamente uma obra que está entre aquelas herdeiras dos acontecimentos de 1968, as quais mesmo sem o expressarem diretamente, têm sua origem nas transformações ou mesmo nas rupturas advindas desse momento político. Mudanças que reverberam, como aponta Dominique Viart (2008, *apud* LEFORT-FAVREAU, 2018, p. 95), na própria escrita literária, em suas formas, engendramentos e questionamentos.

² Disponível em:

https://www.larousse.fr/encyclopedia/divers/%C3%A9v%C3%A9nements_de_mai_1968/131140. Acesso em: 12 out. 2023.

Lefort-Favreau (2018) avalia enfim que os eventos de maio de 1968 se traduzem por um lado em uma reflexão sobre as concessões políticas da literatura, e por outro em um processo de construção de si que serve como poder performativo da palavra.

1.2 Leslie Kaplan: uma biografia engajada

Nascida em Nova Iorque, Leslie Kaplan mudou-se ainda criança dos Estados Unidos para a capital francesa, onde cresceu em um universo bilíngue: o inglês mantido no ambiente doméstico e o francês da formação escolar na lida com o mundo externo. Seguindo seu percurso biográfico³, Kaplan realizou estudos acadêmicos em Filosofia, História e Psicologia, após os quais a jovem Leslie decidiu trabalhar como operária fabril de janeiro de 1968 até a primavera de 1971, em consonância com seus ideais políticos maoístas e a influência de movimentos estudantis da época que incentivavam uma união prática entre trabalhadores intelectuais e manuais⁴. Durante os anos de experiência operária, ela passou por várias fábricas em diferentes regiões da França, tendo vivenciado ativamente os eventos relacionados ao movimento de maio de 1968. Sua estreia como autora de língua francesa decorre exatamente do desejo de expressar as percepções extraídas desse período, resultando no livro que compõe o *corpus* deste trabalho, *L'excès - L'usine*, publicado originalmente pela Hachette/P.O.L. em 1982, e cujas especificações serão abordadas mais adiante, no tópico sobre a apresentação da obra objeto da tradução.

Conforme explicitado no sítio eletrônico da editora P.O.L. (c2022), Leslie Kaplan é escritora de diversos gêneros (romance, poesia, ensaio, drama), além de realizar crítica literária e cinematográfica. Tem títulos traduzidos para vários idiomas: inglês, alemão, espanhol, italiano, português, norueguês, sueco, dinamarquês, dentre outros. Escritora laureada (prêmio *Wepler* 2012 pelo romance *Millefeuille* e *Grand Prix* da SGDL 2017 pelo

³ As informações biobibliográficas referentes à Leslie Kaplan foram recolhidas a partir de levantamento feito em vários sítios eletrônicos, sobretudo os da editora P.O.L., jornal *Le Figaro*, site colaborativo *La Grappe* e site oficial da autora, respectivamente disponíveis em: <https://www.pol-editeur.com/index.php?spec=livre&ISBN=2-86744-078-5>; <http://evene.lefigaro.fr/celebre/biographie/leslie-kaplan-3224.php>; <https://lagrappe.info/spip.php?article129>; <https://lesliekaplan.net/le-detail-le-saut-et-le-lien/article/ecrire-avec-mai-68>. Acesso em: 16 jun. 2023.

⁴ Conforme contextualização feita no artigo de Julien Lefort-Favreau (2018) e em conteúdo do site oficial de Leslie Kaplan (www.lesliekaplan.net), o movimento conhecido como “*établissement*” [estabelecimento] foi uma iniciativa da UJCML (União das Juventudes Comunistas Marxistas Leninistas), organização dissidente do Partido Comunista francês que propunha uma revisão crítica dos ideais marxistas da política soviética em prol da visão ocidental que se tinha à época da chamada “Revolução Cultural” da China. Tal concepção propunha uma aliança entre trabalhadores intelectuais e manuais, o que influenciou muitas experiências de estudantes em fábricas, trabalhando junto aos operários.

conjunto da obra), ela possui textos adaptados com sucesso para o teatro e encenados por diferentes companhias.

Embora a autora possua vasta produção bibliográfica e tenha seu trabalho reconhecido e celebrado no contexto de partida, com numerosas traduções, adaptações teatrais, participação em seminários temáticos, oficinas literárias e entrevistas (PAULET, 2023; BOYER, 2022; BARLET, 2022), Kaplan ainda é pouco difundida no Brasil. Como bem observado por José Roberto Andrade Féres (2018, p. 727), em artigo que apresenta seu trabalho tradutório de dois poemas da escritora, o livro *O inferno é verde* e o texto “As palavras (escrever, literatura e sociedade)”, os quais foram à época publicados pela editora Luna Parque, as traduções de Kaplan para o português brasileiro se restringem a poucos títulos: *O psicanalista* (Companhia das Letras, 2001, romance traduzido por Rosa Freire d’Aguilar); o texto em prosa “Amor redondo” (tradução de Carlito Azevedo para a *Inimigo Rumor*: revista de poesia – vol. 20, Cosac & Naify, 2003) e o poema “Translating is sexy”, traduzido pela escritora Marília Garcia para integrar seu livro *Um teste de resistores* (Editora 7Letras, 2014).

As narrativas autobiográficas de Kaplan possuem um caráter político resultante da superposição de sua trajetória individual e de um conjunto de experiências coletivas (LEFORT-FAVREAU, 2018, p. 96). Assim, em *L’excès - L’usine*, ela transmite em seu testemunho experiencial textualizado o encarceramento alienante do ambiente fabril, o sofrimento do trabalho penoso, a cadência do ritmo operário, o fato de ser uma mulher em um universo impessoal e o contexto histórico das ocupações do movimento grevista de maio de 1968.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A problemática da definição sobre o que e como traduzir, que remonta à própria dimensão histórica da atividade tradutória, atrelada também à natureza dinâmica da língua e sua indissociabilidade do aspecto cultural, persiste até hoje no questionamento central colocado em discussão tanto por teóricos, como por tradutores de ofício. Em meio à diversidade de línguas/culturas e formas de traduzir, Michaël Oustinoff (2011, p. 10) retoma a compreensão da primordial função comunicativa da língua e, por conseguinte, da tradução, antes de defender a relevância de investigar o que está submerso, os mecanismos envolvidos

no processo de tradução, para responder com mais propriedade às perguntas e desafios que surgem na superfície.

Ao pontuar que a tradução não se restringe à mera mecanicidade de uma transposição entre códigos linguísticos, Oustinoff (2011) desenha uma parcimoniosa busca por um meio-termo que melhor atenda às necessidades de cada tipo de texto. Sua pesquisa expõe pontos de vista diversos, desde adeptos do literalismo a defensores da liberdade da letra. Estes consideram a tradução como uma forma de “recriação literária” (OUSTINOFF, 2011, p. 51).

Convém pontuar neste trabalho a perspectiva de Haroldo de Campos (1976, *apud* SCHNAIDERMAN, 2003) em defesa de uma tradução criativa em poesia através da “transcrição”, entendida como uma abordagem que considera tanto a forma como o sentido do texto, tornando necessário transformá-lo para criar novos jogos poéticos: “uma tradução atenta ao modo de construção de um poema, a seus aspectos fono-semânticos, à sua configuração sígnica” (NÓBREGA, 2006, p. 250-251).

Oustinoff (2011, p. 16) lembra ainda que é preciso ter em mente, enfim, a “relativa intraduzibilidade das línguas: traduzir é, forçosamente, trair, para retomar o adágio italiano, *traduttore, traditore* (OUSTINOFF, 2011, p. 16).” Logo, algo sempre é perdido, roubado ou traído pelo ato de traduzir.

Essa “violência” é inerente ao procedimento tradutório, como pondera Venuti (1995, p. 11), sendo assim parcialmente inevitável e passível de surgir em qualquer ponto do caminho da tradução, do contexto de partida ao de chegada. Consciente dessa realidade, o tradutor é sempre confrontado com escolhas conflitantes diante de um texto a ser traduzido. A postura configurada através dessas decisões tradutórias forneceu substrato a numerosas teorizações e metodologias ao longo da história da tradução enquanto objeto de estudo. A formulação postulada por Friedrich Schleiermacher em 1813 é celebrada por Venuti (1995, p.11-12) como a mais decisiva, ao condensar os métodos tradutórios em duas abordagens fundamentais: uma tradução “domesticadora”, que promove uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro para adequá-lo aos valores culturais da língua-alvo; ou um proceder “estrangeirizador”, que preserva as marcas do estrangeiro e evidencia as diferenças linguístico-culturais entre fonte e alvo. Oustinoff (2011) assim o cita: “Ou o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá ao seu encontro ou ele deixa o leitor o mais tranquilo que ele possa e faz com que o escritor vá ao seu encontro (SCHLEIERMACHER, 1813, *apud* OUSTINOFF, 2011, p.54).”

Assim, Venuti (1995) retoma essa concepção em seus estudos para situar o tradutor em uma de duas tendências: “estrangeirizante” ou “domesticante”; ou, segundo os termos cunhados por Oustinoff (2011), “pró-fonte” ou “pró-alvo”. Este autor recomenda atentar para a armadilha da hegemonia linguística, abordagem já criticada na assertiva frase de Edmond Cary (1958, *apud* OUSTINOFF, 2011, p. 28): “A tradução literária não é uma operação linguística, é uma operação literária”. Por conseguinte, o aspecto artístico da tradução não deve ser desconsiderado, como reconhece o linguista Georges Mounin, reiterando, contudo, que se trate de “uma arte fundada em uma ciência” (MOUNIN, 1963, p. 16-17, *apud* OUSTINOFF, 2011, p. 59); constituindo-se a tradução, portanto, em uma operação linguística e literária. Busquei ter como baliza essa perspectiva conciliadora, que contempla ambas as dimensões da atividade tradutória.

Descrevo nos dois capítulos seguintes, respectivamente, os procedimentos metodológicos efetuados para atender aos objetivos do trabalho e a apresentação discutida dos resultados obtidos, considerando o suporte teórico e a perspectiva crítico-reflexiva proporcionada por estudiosos da tradução e textos concernentes ao tema.

3. METODOLOGIA

Na realização deste trabalho de tradução e análise do processo tradutório, fiz inicialmente uma leitura cursiva do livro a ser traduzido, no intuito de obter uma decodificação primária para compreensão básica do texto original. A essa se seguiram várias releituras, gradualmente mais aprofundadas, em momentos distintos do percurso de tradução.

Em paralelo, realizei pesquisas de levantamento biobibliográfico em busca de informações que permitissem conhecer o universo da autora e os contextos de produção e circulação da obra em questão, bem como de elementos auxiliares à sua interpretação.

Esses procedimentos entraram em consonância com as proposições críticas de Berman (1995, p. 67), relativas à leitura e releitura do original, configurando gradualmente uma espécie de “pré-análise textual”⁵, a qual busca delimitar traços de estilo autoral, jogos linguísticos, construções ou palavras repetidas, termos-chave, correlações entre texto e contexto, bem como identificar trechos potencialmente problemáticos e zonas bem-sucedidas. Essa etapa é complementada pelo suporte de textos colaterais (críticas literárias,

⁵ “pré-analyse textuelle” (BERMAN, 1995, p. 67).

entrevistas, artigos, outros textos da mesma autora). De igual relevância nessa “pré-análise” é a tentativa de interpretar a obra, sendo capaz de selecionar passagens significantes, que definem sua essência, seu “centro de gravidade”⁶ (BERMAN, 1995, p. 70).

Em um segundo momento, iniciei a tradução propriamente dita do texto fonte para o português brasileiro. Os textos original e traduzido foram pareados por meio de registro em quadros comparativos, cada quadro correspondendo a uma página do livro. Em virtude de sua extensão, acomodei alguns trechos dos mesmos na seção “Apêndices”, após o corpo do trabalho monográfico, selecionados de modo a otimizar a representação da obra e da análise realizada.

O resultado tradutório foi então utilizado para a outra etapa do trabalho, a análise do processo de tradução, compreendendo a explanação exemplificada das escolhas tradutórias, dos desafios surgidos e das soluções encontradas. Nesse intuito, selecionei excertos dos textos cotejados para ilustrar a discussão.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo trata da exposição e análise fundamentada tanto do processo como do produto da tradução comentada, o que atende ao objetivo central deste trabalho. Apresento primeiramente a obra original, cuja estrutura textual aparentemente concisa, direta, ou até mesmo simples, esconde uma riqueza de construções simbólicas e correlações de natureza social, política e histórica, sem o conhecimento das quais a tradução se daria como mera operação linguística.

Na sequência, faço a transição para o trabalho tradutório realizado, apresentando as reflexões críticas associadas, a definição do recorte feito para discussão e os comentários pertinentes ao processo.

4.1 Apresentação do *corpus* de trabalho

4.1.1 A obra original: *L'excès - L'usine* (1982)

O trabalho de tradução aqui apresentado teve como *corpus* a obra literária francesa *L'excès - L'usine*, da autora contemporânea Leslie Kaplan. A primeira edição foi lançada

⁶ “centre de gravité” (BERMAN, 1995, p. 70).

originalmente pela casa editorial Hachette em 1982, na sua então coleção de livros de bolso denominada P.O.L.; posteriormente, em 1987, uma nova edição foi publicada pela P.O.L., desta vez estabelecida como uma editora independente e que possui atualmente numerosos títulos da autora em seu catálogo (BOYER, c2022). O livro teve mais três edições do mesmo selo, em 1994, 2001 e 2020, a última disponibilizada também no formato eletrônico. Esta edição, que foi a por mim utilizada, recebeu como paratextos uma entrevista da autora concedida à escritora Marguerite Duras em 1982, bem como um elogioso texto crítico de Maurice Blanchot, o qual já havia sido publicado no jornal *Libération*, em 24 de fevereiro de 1987. A referida entrevista também foi republicada por Kaplan em uma coletânea intitulada *Les Outils* (P.O.L., 2003), na qual a autora reúne o que ela propõe como “ferramentas para pensar”⁷.

O volume da edição atual de *L'excès - L'usine* contém 144 páginas ao todo, incluindo-se os paratextos, com quase 100 delas correspondendo ao texto principal, à narrativa em si. Esta é estruturada em nove capítulos, denominados “cercles” (“círculos” ou “ciclos”), em numeração ordinal e crescente (do primeiro ao nono). A explicação para essa escolha peculiar na nomenclatura das partes surgiu nas leituras de textos colaterais sobre o livro: Matthieu Rémy (2014, p. 72) e Olivier Barlet (2022) esclarecem que essa divisão retoma os nove círculos de “O Inferno de Dante” (em referência à obra *A Divina Comédia*, escrita no século XIV pelo italiano Dante Alighieri, composta por três partes denominadas “Inferno”, “Purgatório” e “Paraíso”⁸). Essa analogia também é brevemente resgatada por Maurice Blanchot (2020, p. 137) ao se referir à imagem conceitual da fábrica: O “Inferno tem seus círculos. Nós os percorremos”⁹. Entretanto, convém observar que a progressão dos círculos em Kaplan não se assemelha à espiral descendente da obra de Alighieri, nem essa sequência ordinal segue uma correspondência cronológica com o percurso da experiência operária da autora. Rémy (2014, p. 72) pondera ainda que a estruturação textual de *L'excès - L'usine* parece criar uma série de “quadros construídos em si mesmos a partir dos parágrafos”, nos quais são representadas rotinas de circulação entre um local de produção industrial e algum espaço da vida cotidiana externa que, entretanto, é percebida como se continuasse impregnada pelo ambiente fabril. Os círculos são conectados entre si pela

⁷ “outils pour penser” (KAPLAN, 2003).

⁸ DANTE ALIGHIERI. *ENCYCLOPÉDIE LAROUSSE*. [Paris: Société Éditions Larousse, 2023]. Disponível em: https://www.larousse.fr/encyclopedia/personnage/Dante_Alighieri/115628#396349. Acesso em: 12 out. 2023.

⁹ “L'enfer a ses cercles. On les parcourt.” (BLANCHOT, 2000, p.137)

estrutura repetitiva do jogo textual que Kaplan constrói através do retorno frequente de termos ou frases em um mesmo “quadro” ou em vários, o que gera um efeito de sobreposição, como uma rotina incessante que se torna cada vez mais encarceradora e aliena até a exaustão.

Como já mencionado no capítulo de apresentação de Leslie Kaplan, *L’excès - L’usine* constitui sua estreia no campo literário e apresenta, através de um olhar retrospectivo sobre o contexto sociopolítico ligado aos eventos de 1968, o relato ao mesmo tempo de um percurso pessoal e de um conjunto de experiências coletivas. Em suas várias entrevistas e artigos sobre o tema, Kaplan esclarece que quis retratar o testemunho vivido nas fábricas onde trabalhou não de uma perspectiva naturalista, mas sob o ponto de vista do espanto, da surpresa, de um questionamento geral, começando pela própria linguagem:

As palavras e as coisas não correspondem mais. O “trabalho”? O “lazer”? A “vida”? [...] Viver uma “experiência-limite” e ser fiel a essa experiência é recusar um ponto de vista naturalista [...] e tentar manter um ponto de vista “dentro-fora” que considera ao mesmo tempo o evento, o que acontece, e o sujeito que vivencia o evento, a quem esse evento se impõe.¹⁰ (KAPLAN, 2018).

Como reitera a própria autora ao detalhar sua abordagem do tema, ela visa encontrar formas de escrita que consigam alcançar a singularidade, o detalhe, dando conta assim do “real” (“le réel”) e não meramente da “realidade” (“la réalité”). Esta é tida por Kaplan como restritiva, determinista e explicativa, ao passo que uma perspectiva do “real” é ampliada para contemplar o possível, o subjetivo, o sentido vivido. Em longa entrevista publicada pelo site colaborativo *La Grappe* em 2023, a autora justifica assim seu posicionamento:

Eu quis transmitir o que eu havia sentido [...]. Transmitted o real, não a realidade. A realidade, busca-se representá-la de fora, pela explicação, pelo discurso sindical, político, ou mesmo literário. Eu queria tentar transmitir a partir de dentro o mundo verdadeiramente louco da fábrica, pertencente ao normal – social – banal – habitual, dessa fábrica que é a base da civilização industrial de massa na qual estamos todos.¹¹ (KAPLAN, 2023).

¹⁰ “Les mots et les choses ne correspondent plus. Le “travail”? Le “loisir”? La “vie”? [...] Vivre une “expérience-limite” et être fidèle à cette expérience, c’est refuser un point de vue naturaliste [...] et essayer de maintenir un point de vue “dedans-dehors” qui tienne compte à la fois de l’événement, de ce qui arrive, et du sujet qui vit l’événement, à qui cet événement arrive.” (KAPLAN, 2018)

¹¹ Excerto de entrevista de Leslie Kaplan publicada no site colaborativo *La Grappe* em 24 de junho de 2023: “J’ai voulu transmettre ce que j’avais ressenti [...]. Transmettre le réel, pas la réalité. La réalité, on cherche à la représenter du dehors, par l’explication, par le discours syndical, politique, ou même littéraire. Je voulais essayer de transmettre de l’intérieur le monde véritablement fou de l’usine appartenant au normal – social – banal – habituel, de cette usine qui est le socle de la civilisation industrielle de masse dans laquelle nous sommes tous.”

Assim, Leslie Kaplan traz em sua produção uma literatura de cunho autobiográfico que conta a experiência como “operária/intelectual” e fala do trabalho na fábrica a partir de seu interior, retratado na forma de uma singular “escritura poética” ou “prosa poética” que não permite categorizar seu texto em uma classificação restritiva, como bem observado por estudiosos de sua obra em artigos e entrevistas (PAULET, 2023; BLANCHOT, 2020; FÉRES, 2018; RÉMY, 2014). Maurice Blanchot, ao celebrar a reedição de *L’excès - L’usine* em 1987, assim a resume: “Palavras simples, frases curtas, nenhum discurso [...]. É talvez a poesia, talvez mais que a poesia” ¹² (BLANCHOT, 2000, p. 134)¹³. Matthieu Rémy (2014, p. 72) complementa afirmando que ela não é o que se define tradicionalmente por romance, narrativa política, ou mesmo uma coleção de poesia, mas sim “o centro de uma experiência poética” restauradora do “poder de sugestão” das palavras.

4.1.2 O excesso – A fábrica: a tradução comentada (dificuldades, reflexões e escolhas do processo tradutório)

Conforme observação feita na introdução da monografia, a tradução por mim realizada contemplou os quatro primeiros capítulos (ou, melhor dizendo, círculos) da obra original. Os textos (fonte e alvo) pertencentes a essa discussão estão representados por excertos selecionados e agrupados na seção “Apêndices” do trabalho. Reproduzo aqui algumas passagens para fins de exemplificação das observações pontuadas.

O texto de trabalho é estruturado predominantemente como uma narrativa prosaica e disposto em parágrafos. Os traços que evocam sua dimensão poética surgem de forma irregular ao longo da obra, decorrentes da sonoridade e do ritmo produzidos em alguns trechos através de repetições de sons, palavras e frases, além de regularidades métricas pontuais (GOLDSTEIN, 2002). Há a nítida construção e manutenção de uma cadência na narrativa, gerando a sensação de se estar em um ambiente de fábrica, em meio à rotina operária, repetitiva, alienante, impessoal, por vezes desoladora.

¹² “Des mots simples, des phrases courtes, pas de discours [...]. C’est peut-être la poésie, c’est peut-être plus que la poésie.”

¹³ Convém esclarecer que as citações de Maurice Blanchot utilizadas nesta monografia foram extraídas do paratexto que acompanha a edição de 2020 do livro trabalhado, porém o texto crítico data originalmente de 1987, por ocasião da reedição de *L’excès - L’usine* pela P.O.L., quando foi publicado no jornal *Libération* em 27 de fevereiro do mesmo ano.

Assim, para preservar tanto o estilo como o efeito de sentido evidenciado pelo texto, priorizei a forma nos trechos em que percebi intenção de jogo sonoro ou rítmico, selecionando na tradução os termos mais materialmente próximos do signo original, no intuito de trazer o significado sem perder o mesmo arranjo de ritmo e som. Quando não foi possível fazê-lo, busquei a construção compensatória de novas repetições sonoras. Quando a intenção poética não era evidente e a tradução literal soaria estranha para o(a) leitor(a), optei por escolher termos ou construções mais familiares ao contexto de recepção e assim preservar o efeito de sentido denotado no texto, embora ajustando o “réel” da partida para gerar uma sensação mais “real” na chegada.

Apresento aqui um excerto cotejado do “Premier Cercle/Primeiro Círculo” do livro para ilustrar algumas características da prosa poética de Kaplan e da postura tradutória por mim adotada.

Quadro 1 – Trecho pareado de tradução brasileira de *L'excès - L'usine*, de Leslie Kaplan.

<i>L'excès - L'usine</i>	<i>O excesso - A fábrica</i>
On fait des câbles près de la fenêtre. Les câbles ont beaucoup de couleurs, on les enroule en circuits. Il y a de la lumière, l'espace est mou. On va, on vient. Couloirs, oubli.	A gente faz cabos perto da janela. Os cabos têm muitas cores, a gente os enrola em circuitos. Há luminosidade, o espaço é mole. A gente vai, a gente vem. Corredores, esquecimento.
On fait des câbles près de la fenêtre. Tension extrême. Le ciel, et les câbles, cette merde. On est saisie, tirée par les câbles, le ciel. Il n'y a rien d'autre.	A gente faz cabos perto da janela. Tensão extrema. O céu e os cabos, essa merda. A gente é apanhada, puxada pelos cabos, pelo céu. Não há nada mais.
Tout l'espace est occupé : tout est devenu déchet. La peau est morte. Les dents mordent une pomme, un sandwich. On absorbe, le regard se colle à tout comme une mouche.	Todo o espaço é ocupado: tudo se tornou descarte. A pele é morta. Os dentes mordem uma maçã, um sanduíche. A gente absorve, o olhar se cola a tudo como uma mosca.
On travaille neuf heures, on fait des trous dans des pièces avec une machine. On met la pièce, on descend le levier, on sort la pièce, on remonte le levier. Il y a du papier partout.	A gente trabalha nove horas, a gente faz buracos em peças com uma máquina. A gente põe a peça, a gente desce a alavanca, a gente tira a peça, a gente sobe a alavanca. Tem papel por todo lado.
Le temps est dehors, dans les choses.	O tempo está lá fora, nas coisas.

Fonte: tradução de autoria própria da referida obra.

No excerto acima, o texto parece dar maior relevância à concepção de uma imagem da experiência operária por meio de um relato prosaico, de modo que predominou a tradução mais voltada para o significado, embora tomando o cuidado de não destoar muito das dimensões textuais e da materialidade do signo de origem. Uma cadência é configurada pela

repetição de frases, como “On fait des câbles près de la fenêtre” (“A gente faz cabos perto da janela”), além de palavras-chave, como “câbles” e “pièces” (“cabos” e “peças”), que evocam também o ambiente de encarceramento da fábrica e a angústia gerada pela rotina fabril repetitiva, mecânica, incessante. Podemos perceber aliteraões pontuais como na repetição do som [v] em “va” e “vient”, que pude reproduzir na tradução literal com “vai” e “vem”.

Contudo, reitera-se que não convém aqui delimitar o gênero literário da obra, já que a “escrita de Leslie Kaplan sempre transita entre a prosa e a poesia”, como bem observado por Féres (2018, p. 727). Essa afirmação ressoa com trechos como o exibido abaixo, extraído do “Quarto Círculo”, no qual é nítida a intenção de produzir ritmicidade e sonoridade poéticas, inclusive com ruptura parcial de regras gramaticais:

“Pièces, morceaux et vie, l'usine.
Et brique et tuile. Et entre et sort.
Et droite et gauche et brique et tuile et mou et gras et tourne
et tourne et vie et vie et bois et clou et fer et fer et entre et sort
et tourne et bruit.”

Há a ostensiva repetição de palavras pareadas e curtas (“brique et tuile”; “entre et sort”; “tourne et tourne”; “vie et vie”; “fer et fer”), sobretudo a partir da terceira linha, quando as vírgulas são abolidas e há um longo encadeamento, gerando um efeito rítmico e sonoro alusivo à cadência de uma máquina. Como o vocabulário utilizado é próprio do contexto fabril e contribui para recriar a experiência do ambiente interior da fábrica, busquei reproduzir o jogo poético em conjunto com a tradução para o significado mais próximo do léxico de origem. As exceções foram em escolhas pontuais por sentidos mais ilustrativos ou familiares no contexto receptor: a troca de “gras” (cuja tradução literal seria “gordura”) por “graxa”, além de “bois” (“madeira”) por “tábua” e “bruit” (“barulho”) por “range”. O trecho traduzido segue abaixo:

“Peças, pedaços e vida, a fábrica.
E tijolo e telha. E entra e sai.
E direita e esquerda e tijolo e telha e mole e graxa e gira
e gira e vida e vida e tábua e prego e ferro e ferro e entra e sai

e gira e range.”

Como não há regularidade métrica no texto fonte, não considereei preocupante o fato de muitos dos correspondentes em português serem maiores; para “entre e sort” / “entra e sai”, “tourne et tourne” / “gira e gira”, “vie et vie” / “vida e vida”, “fer et fer” / “ferro e ferro”, não houve prejuízo métrico, pois o número de sílabas poéticas foi preservado. Nesse grupo, a repetição de sons também foi reproduzida, com exceção de “tourne” (compensada pela troca do fonema [u] pelo [ʒ] em “gira”, além da dupla com “range” na última linha).

4.2 O enfoque no onipresente “on”

Dentre as peculiaridades do texto de Kaplan, um aspecto simbólico relevante tem menção recorrente nas críticas elogiosas do contexto de partida: a narrativa da experiência vivida na fábrica é registrada no feminino, de uma forma coletiva, sem nomes, o que reforça a ideia do ambiente fabril como ainda mais impessoal para quem o vive na condição de mulher (BLANCHOT, 2020, p. 135). A essa “impessoalidade” se soma uma “renúncia à singularidade”, como ressalta Blanchot (2020), representada formalmente através da substituição do “je” (“eu”) pelo “on” (traduzido aqui como “a gente”). A utilização sistemática do pronome “on” no lugar do “je” na voz narrativa constitui um traço estilístico marcante no texto da autora, e possui relevante correlação com os contextos histórico e sociopolítico que permeiam seu percurso biográfico (PAULET, 2023; LEFORT-FAVREAU, 2018; RÉMY, 2014; KAPLAN, 2003). Entendi essa escolha reiterada na microestrutura textual do relato de Kaplan como um dos aspectos significantes que definem a essência da obra, o que me motivou a concentrar a análise da tradução realizada neste recorte. Antes de retomar a discussão do texto traduzido sob esse enfoque, convém fazer aqui um breve adendo linguístico-gramatical.

Conforme explicitado na gramática Bescherelle (LAURENT; DELAUNAY, 2000) e no dicionário Le Robert (2023)¹⁴, obras de referência para o estudo da língua francesa, o pronome “on” é, na classificação gramatical formal, um pronome indefinido e invariável, conjugado na 3ª pessoa do singular.

Funcionalmente, porém, ele pode ter vários usos:

¹⁴ Utilizei aqui a versão eletrônica do dicionário. Disponível em: <https://dictionnaire.lerobert.com/definition/on>. Acesso em 30 jun. 2023.

- Marcando uma indeterminação, com o significado de alguém, uma pessoa qualquer, as pessoas em geral, todo mundo (indistintamente, não importa quem);

- Representando uma ou várias pessoas determinadas, equivalendo assim a outros pronomes pessoais (sobretudo na linguagem informal), mais comumente, “nous” (“nós”). Quando funciona como pronome pessoal, ele deixa de ser invariável e o atributo concorda em gênero e número com as pessoas ou objetos representados.

Podemos exemplificar no quadro abaixo para uma melhor compreensão:

Quadro 2 – Exemplos didáticos de emprego do pronome francês “on”.

Francês	Português	Uso/Função
On m’a volé ma valise.	Alguém/ Uma pessoa qualquer roubou minha mala.	Pronome indefinido
On dit que c’est à cause de la guerre.	As pessoas em geral/ Todos dizem que é por causa da guerra.	Pronome indefinido
Bien sûr, mais sans vouloir t’offenser, comme on dit.	Claro, mas sem querer te ofender, como se diz.	Pronome indefinido
Ce nouveau modèle, comme on le surnomme?	Esse novo modelo, como se chama/ é chamado ?	Pronome indefinido
Quand est-ce qu’ on mange?	Quando a gente come? (inf.) Quando nós comemos? (formal)	Pronome pessoal
On est très fatiguées.	A gente está muito cansada. (feminino plural)	Pronome pessoal

Fonte: autoria própria, elaborado a partir de conteúdo de obras de referência linguístico-gramatical.

Marcos Bagno (2023), em uma abordagem didática sobre dificuldades na prática tradutória envolvendo elementos do francês sem equivalência linguística na língua portuguesa, caso do pronome “on”, esclarece:

No francês atual falado espontâneo, o pronome “on” tem a mesma função do pronome “nous”, isto é, a referência à 1ª pessoa do plural, semelhante ao uso de “a gente” em português. Quando se trata de texto escrito formal, no entanto, “on” tem valor semântico de indeterminação do sujeito, isto é, o pronome se refere às pessoas em geral. (BAGNO, 2023, p. 6, aspas minhas).

Ele alerta ainda que, por ter um caráter impessoal, seu emprego com o sentido de “nós” deve ser reservado para os casos em que o autor se inclui no que está sendo dito, a fim

de evitar ambiguidades de interpretação. Finaliza acrescentando que no registro formal da língua portuguesa, em princípio a tradução mais adequada seria a partícula “se” ou um verbo na voz passiva.

Feito esse oportuno esclarecimento da contraparte gramatical de um relevante traço estilístico da obra traduzida, retorno ao recorte na análise do processo tradutório para as reflexões pertinentes, pois, como lembra Oustinoff (2011, p. 59), a tradução literária compreende mecanismos de dimensão tanto linguística quanto literária. Recorro a um excerto do “Segundo Círculo” do texto de trabalho para abordar a análise do pronome “on” na prosa poética de Leslie Kaplan:

Quadro 3 – Trecho pareado de tradução brasileira de *L’excès - L’usine*, de Leslie Kaplan.

<i>L’excès – L’usine</i>	<i>O excesso – A fábrica</i>
On est dans l’usine, on va.	A gente está na fábrica, a gente vai.
On se déploie, on avance.	A gente se distribui, a gente avança.
On bouge un peu la pensée.	A gente move um pouco o pensamento.

Fonte: tradução de autoria própria da referida obra.

Esse trecho constitui um dos momentos da narrativa em que se configura o aspecto poético do texto. Além do efeito visual proporcionado pelo arranjo textual e por um paralelismo na repetição ostensiva do pronome “on” (somado ao efeito de repetição sonora por ele proporcionado), percebe-se uma métrica regular nas três linhas (ou versos), todas contendo sete sílabas poéticas. Reproduzi na tradução essa regularidade métrica, porém transformando-a para onze sílabas poéticas, visto que a própria tradução do “on” / “a gente” já aumenta a extensão da frase.

Na realização deste trabalho de tradução, o estudo da obra e as leituras colaterais evidenciaram que a adoção sistemática do pronome “on” por Kaplan em *L’excès - L’usine* permitiu denotar o sentimento de impessoalidade produzido pela experiência da rotina fabril; de uma perda da singularidade que gera a incapacidade de se reconhecer e se expressar então como um indivíduo. Chama a atenção, porém, que embora os atributos referentes ao pronome sejam sempre acordados no gênero feminino, não há flexão de número, permanecendo no singular. Por exemplo: “On est prise, on est tournée, on est à l’intérieur”; quando o “on” empregado como “nous” seria neste caso acordado como “On est prises, on est tournées, on est à l’intérieur”.

O excerto do “Quarto Círculo” apresentado a seguir traz mais um exemplo dessa peculiar flexão do pronome “on” no texto de Kaplan:

Quadro 4 – Trecho pareado de tradução brasileira de *L'excès - L'usine*, de Leslie Kaplan.

<i>L'excès - L'usine</i>	<i>O excesso - A fábrica</i>
On est dans l'atelier où il y a la chaîne.	A gente está no ateliê onde tem a esteira.
On est assise. La chaîne va commencer.	A gente está sentada. A esteira vai começar.
Air palpable, mémoire blanche.	Ar palpável, memória branca.
On est là, on est assise. Tabouret. Cartons.	A gente está aqui, a gente está sentada. Tamborete. Cartões.

Fonte: tradução de autoria própria da referida obra.

É retratado nele o início de uma jornada de trabalho em uma unidade de produção industrial, na qual as operárias parecem estar posicionadas junto a uma esteira de fábrica¹⁵, sentadas em tamboretas. A construção “on est” / “a gente está” ocorre quatro vezes no trecho. Em duas delas, a frase é a mesma, “on est assise”, com o atributo no feminino singular, ou seja, flexionado em gênero, mas não em número. Seu uso faz referência ao coletivo operário que vivencia a rotina fabril, e do qual faz parte a testemunha que relata, equivalendo nesse sentido à função do pronome pessoal “nous” (“nós”). Entretanto, como o tema e a construção da narrativa em *L'excès - L'usine* tornam evidente o caráter de apagamento do indivíduo e de desconexão do mundo, resultante da rotina mecânica e alienante da fábrica, é esse valor de impessoalidade que parece prevalecer no uso do pronome.

Desse modo, como analisa Matthieu Rémy (2014, p. 73, grifos meus), esse “on” que ecoa por todo texto de Kaplan não representa, porém, o testemunho denunciante do coletivo operário, ele é um projeto **sobre** o coletivo, mas não **do** coletivo, dada a alienação que o envolve; não é o “nós” quem registra a erosão do indivíduo pela penúria do trabalho na fábrica, mas sim um “eu” cuja erosão progressiva resultou na perda da subjetividade ao ponto de apenas um “on” impessoal ser adequado para relatar o testemunho.

Rémy (2014, p. 73) conclui: “O “on” de *L'excès - L'usine* será, portanto, o resultado de uma dupla impossibilidade: dizer “eu” e perder a esperança de uma declaração coletiva; dizer “nós” e distorcer o resultado da observação de um espaço onde precisamente falta consciência coletiva.”¹⁶

Apesar dessa peculiaridade estilística fazer o “on” da narrativa não atender formalmente à equivalência com o “nous”, simbolicamente ele remete à função de pronome pessoal. Além disso, mesmo se tratando de um registro escrito em linguagem formal, o texto

¹⁵ Embora o vocábulo “chaîne”, sobretudo no contexto dos meios de comunicação, seja traduzido por comumente por “cadeia”, “corrente”, “canal”, “rede” ou estação, no meio industrial o termo faz referência à unidade de produção, linha de produção ou mesmo cadeia de produção. Optei na tradução por esteira, remetendo à esteira industrial, a qual integra uma linha de produção e soa mais familiar no contexto brasileiro. Traduzir por cadeia, sem um complemento, poderia gerar ambiguidade ou estranheza para o leitor.

¹⁶ “Le « on » de *L'excès-L'usine* sera donc le résultat d'une double impossibilité : dire « je » et perdre l'espoir d'une énonciation collective ; dire « nous » et déformer le résultat de l'observation d'un espace où précisément manque la conscience collective.”

representa um testemunho, um relato em estilo informal. Portanto, na prática, optei pela tradução para o “a gente” da língua portuguesa, em consonância com a sugestão de Bagno (2023), atendendo as demandas tanto da forma (a concordância é no feminino singular) como do sentido (manteve-se a impressão de impessoalidade).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentei aqui uma tradução comentada da obra contemporânea francesa *L'excès - L'usine* (1982), de Leslie Kaplan, para o português brasileiro (*O excesso – A fábrica*). O livro marca a estreia literária de Kaplan e reflete o entrelaçamento de seu percurso pessoal com o contexto histórico e político de sua produção bibliográfica. Essa influência contextual resultou em uma narrativa dotada de simbolismos e traços estilísticos peculiares que proporcionaram alguns desafios ao trabalho tradutório.

A singularidade da escrita de Kaplan, que produz prosa e poesia em um mesmo texto, levou-me a ter como eixo decisório essa relação de convívio entre dimensões, em consonância com o entendimento defendido por Henri Meschonnic (1975, *apud* OUSTINOFF, 2011, p. 66), ao reafirmar a não hegemonia e a indissociabilidade entre forma e sentido, opondo-se a perspectivas dualistas. Para manter a coerência com os traços estilísticos e interpretativos da obra, foi necessário contemplar não apenas o aspecto linguístico, mas também a dimensão artística da tradução, realizando transformações pontuais no texto para criar novos jogos compensatórios e preservar sua “função poética”, em atendimento às demandas de uma tradução criativa e o exercício da “transcrição” defendidas por Campos (1976, *apud* SCHNAIDERMAN, 2003).

Assim, sempre buscando respeitar o estilo de Kaplan, em sua prosa poética que transmite ao leitor a sensação do “real” da vida contínua, impessoal e repetitiva do interior da fábrica, adotei uma postura tradutória híbrida, voltei-me ora ao sentido, ora à literalidade do signo; ou, para usar os termos celebrados por Venuti (1995), realizei escolhas tradutórias ora domesticadoras, ora estrangeirizadoras.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Breve guia de tradução**: francês – português. São Paulo: Parábola editorial, 2023. p. 6-10.

BARLET, Olivier. Lussas 2022: la réalité a besoin de cinéma. **Africultures**. Paris, 18 out 2022. Festival. Disponível em: <https://africultures.com/lussas-2022-la-realite-a-besoin-de-cinema-15466/>. Acesso em: 16 out. 2023.

BERMAN, Antoine. **Pour une critique des traductions**: John Donne. Paris: Gallimard, 1995. p.64-97.

BLANCHOT, Maurice. L'excès-l'usine ou l'infini morcelé. In: KAPLAN, Leslie. **L'excès-l'usine**. Paris: P.O.L., 2020. p. 133-137.

BOYER, Frédéric. **P.O.L. Editeur**, c2022. Disponível em: <https://www.pol-editeur.com/index.php?spec=livre&ISBN=2-86744-078-5>. 16 jun. 2023.

BRÉZET, Alexis. Biographie de Leslie Kaplan. **Lefigaro.fr**, c2023. Scope. Célèbre. Disponível em: <http://evene.lefigaro.fr/celebre/biographie/leslie-kaplan-3224.php>. Acesso em: 16 jun. 2023.

DICTIONNAIRE Le Robert: dico en ligne. [Paris: Éditions Le Robert, c2023]. Disponível em: <https://dictionnaire.lerobert.com/>. Acesso em: 30 jun. 2023.

ENTRETIEN avec Leslie Kaplan. **La Grappe**. Bordeaux, 24 jun. 2023. Histoires de luttas. Disponível em: <https://lagrappe.info/spip.php?article129>. Acesso em: 16 jun. 2023.

FÉRES, José Roberto Andrade. *O inferno é verde* e “As palavras” de Leslie Kaplan em tradução (inédita) para o português. **Remate de Males**, Campinas-SP, v.38, n.2, p. 726-762, jul./dez. 2018.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2002.

KAPLAN, Leslie. **L'excès-l'usine**. Paris: P.O.L., 2020.

KAPLAN, Leslie. Écrire avec mai de 68. **Lesliekaplan.net**. Paris, 10 dez. 2018. Le détail, le saut et le lie. Disponível em: <https://lesliekaplan.net/le-detail-le-saut-et-le-lien/article/ecrire-avec-mai-68>. Acesso em: 16 jun. 2023.

KAPLAN, Leslie. Usine, por Marguerite Duras e Leslie Kaplan. In: **Les outils**. Paris: P.O.L., 2003. p. 211-224.

LAURENT, Nicolas; DELAUNAY, Bénédicte. **Bescherelle, la Grammaire pour tous**. Paris: Hatier, 2000.

LEFORT-FAVREAU, Julien. L'impossibilité d'un “Je”. Effacement de soi et expérience collective dans l'oeuvre de Leslie Kaplan. **Politique de l'autobiographie**. Engagements et

subjectivités, avec Jean-François Hamel et Barbara Havercroft, Montréal, Nota Bene, p. 95-113, 2018.

NÈGRI, Xavier. Dictionnaires Lexilogos. [s.l.; s.n.]. 2023. Disponível em: https://www.lexilogos.com/dictionnaire_langues.htm. Acesso em: 20 jun. 2023.

NÓBREGA, T. M. Transcrição e hiperfidelidade. **Cadernos de Literatura em Tradução**, [S. l.], n. 7, p. 249-255, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/49417>. Acesso em: 19 out. 2023.

OUSTINOFF, Michaël. **Tradução: história, teorias e métodos**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PAULET, Raymond. Entretien avec Leslie Kaplan. **Théâtre-contemporain.net**, 2023. Disponível em: <https://www.theatre-contemporain.net/spectacles/LExces-lusine/ensavoirplus/idcontent/11440>. Acesso em: 16 jun. 2023.

RÉMY, Matthieu. L'excès-L'usine, l'époque et le texte. In: **Leslie Kaplan**. (Dir. Mireille Hilsum). Paris: Classiques Garnier, 2014. p. 69-84. Disponível em: <https://hal.science/hal-02978864/document>. Acesso em: 20 out. 2023.

SCHNAIDERMAN, Boris. Haroldo de Campos, poesia russa moderna, transcrição. **Revista USP**, São Paulo, ed. 59, p. 172-180, setembro/novembro 2003. Disponível em: <file:///C:/Users/ac730/Downloads/13284-Texto%20do%20artigo-16257-1-10-20120517.pdf>. Acesso em: 20 out. 2023.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility: A History of Translation**. Londres/Nova York: Routledge, 1995.

APÊNDICE A – Excertos da tradução do primeiro capítulo de *L'excès - L'usine*, de Leslie Kaplan, para o português brasileiro.

Quadro 5 - Trechos pareados de tradução brasileira de *L'excès - L'usine*, de Leslie Kaplan.

<i>L'excès - L'usine</i>	<i>O excesso - A fábrica</i>
L'usine, la grande usine univers, celle qui respire pour vous. Il n'y a pas d'autre air que ce qu'elle pompe, rejette. On est dedans. Tout l'espace est occupé : tout est devenu déchet. La peau, les dents, le regard. On circule entre des parois informes. On croise des gens, des sandwiches, des bouteilles de coca, des instruments, du papier, des caisses, des vis. On bouge indéfiniment, sans temps. Ni début, ni fin. Les choses existent ensemble, simultanées. A l'intérieur de l'usine, on fait sans arrêt. On est dedans, dans la grande usine univers, celle qui respire pour vous.	A fábrica, a grande fábrica universo, essa que respira por você. Não há outro ar além desse que ela bombeia, rejeita. A gente está nela. Todo o espaço é ocupado: tudo se tornou descarte. A pele, os dentes, o olhar. A gente circula entre paredes sem formas. A gente cruza com pessoas, sanduíches, garrafas de Coca, instrumentos, papel, caixas, parafusos. A gente se move indefinidamente, sem tempo. Nem começo, nem fim. As coisas existem juntas, simultâneas. No interior da fábrica, a gente faz sem parar. A gente está nela, na grande fábrica universo, essa que respira por você.
<i>L'excès - L'usine</i>	<i>O excesso - A fábrica</i>
L'usine, on y va. Tout est là. On y va. L'excès - l'usine. Un mur au soleil. Tension extrême. Mur, mur, le petit grain, brique sur brique, ou le béton ou souvent blanc, blanc malade ou la fissure, un peu de terre, le gris. La masse mur. En même temps, ce soleil. La vie est, haine et lumière. La vie-four, d'avant le commencement, totale. On est prise, on est tournée, on est à l'intérieur. Le mur, le soleil. On oublie tout. La plupart des femmes ont un merveilleux sourire édenté. On boit un café à la machine à café. La cour, la traverser. Être assise sur une caisse. Tension, oubli.	À fábrica, a gente vai. Tudo está lá. A gente vai. O excesso – a fábrica. Um muro ao sol. Tensão extrema. Muro, muro, o grão fino, tijolo sobre tijolo, ou o concreto ou geralmente branco, branco doença ou a fissura, um pouco de terra, o cinza. O massivo muro. Ao mesmo tempo, esse sol. A vida é, ódio e luz. A vida-forno, de antes do começo, total. A gente está ocupada, a gente está voltada, a gente está no interior. O muro, o sol. A gente esquece tudo. A maioria das mulheres têm um maravilhoso sorriso desdentado. A gente bebe um café junto à máquina de café. O pátio, a passagem. Estar sentada sobre uma caixa. Tensão, esquecimento.

Fonte: tradução de autoria própria da referida obra.

APÊNDICE B - Excertos da tradução do segundo capítulo de *L'excès - L'usine*, de Leslie Kaplan, para o português brasileiro.

Quadro 6 - Trechos pareados de tradução brasileira de *L'excès - L'usine*, de Leslie Kaplan.

<i>L'excès - L'usine</i>	<i>O excesso - A fábrica</i>
On arrive à la tête de chaîne. C'est une femme un peu lourde, elle a un chignon gris. On passe, on la regarde. On voit ses formes. La femme est assise. Origine. Les morceaux arrivent. La femme fait ses pièces, absorbée. Corps épais, retenu. Elle est assise dans sa robe, sur un coussin. Le coussin est tricoté, en crochet. A côté d'elle, on voit son panier. De la laine dépasse, par filaments, et des grosses aiguilles.	A gente chega na ponta da esteira. É uma mulher um pouco pesada, com um coque grisalho. A gente passa, a gente a observa. A gente vê suas formas. A mulher está sentada. Início. Os pedaços chegam. A mulher faz suas peças, absorta. Corpo espesso, retido. Ela está sentada em seu vestido, sobre uma almofada. A almofada é tricotada, de crochê. Ao lado dela, a gente vê sua cesta. Lã que ultrapassa, por filamentos, e grossas agulhas.
<i>L'excès - L'usine</i>	<i>O excesso - A fábrica</i>
On est là, faible, sans projet. On a amené une petite glace. On la sort de sa poche, c'est une petite ronde. On se regarde attentivement. On cherche les traits. Le visage est blanc, avec les cheveux tirés. On ne se rappelle pas. [...]	A gente está aqui, fraca, sem projeto. A gente trouxe um pequeno espelho. A gente o tira do bolso, é um redondo pequeno. A gente se olha atentamente. A gente procura os traços. O rosto é branco, com os cabelos puxados para trás. A gente não se lembra. [...]

Fonte: tradução de autoria própria da referida obra.

APÊNDICE C - Excertos da tradução do terceiro capítulo de *L'excès - L'usine*, de Leslie Kaplan, para o português brasileiro.

Quadro 7 - Trechos pareados de tradução brasileira de *L'excès - L'usine*, de Leslie Kaplan.

<i>L'excès - L'usine</i>	<i>O excesso - A fábrica</i>
On est debout devant une chaîne de biscottes. L'atelier est à côté du four, il fait très chaud. On ramasse une rangée de biscottes, on l'empile dans un sac. La chaîne passe. On remplit le sac. Les doigts sont écorchés par le grain des biscottes. La chaîne passe. Les sacs sont en papier métallisé. Les biscottes sont très dures. Dans la cour avant d'entrer il y a déjà l'odeur de la farine. Quand on est dans la cour, on n'est pas dans l'atelier. Il y a une machine pour fermer les sacs.	A gente está diante de uma esteira de biscoitos. O ateliê fica ao lado do forno, faz muito calor. A gente recolhe uma fileira de biscoitos, a gente empilha em um saco. A esteira passa. A gente enche o saco. Os dedos são esfolados pelo grão dos biscoitos. A esteira passa. Os sacos são de papel metálico. Os biscoitos são muito duros. No pátio antes de entrar já se sente o cheiro da farinha. Quando a gente está no pátio, a gente não está no ateliê. Há uma máquina para fechar os sacos.
<i>L'excès - L'usine</i>	<i>O excesso - A fábrica</i>
On est debout devant la chaîne de biscottes. Atelier à côté du four, il fait très chaud. Les biscottes passent rapidement. On a la tête dans un foulard. De la chaîne on voit un coin où sont entassés des planches et des morceaux de tôle. On regarde, on regarde. Planches et tôles et les trois lignes du coin. Il y a aussi des chiffons. Sous les planches et la tôle il y a du ciment. Les planches et les morceaux de tôle vont dans toutes les directions. Les chiffons sont faibles.	A gente está de pé diante da esteira de biscoitos. Ateliê ao lado do forno, faz muito calor. Os biscoitos passam rapidamente. A gente tem um lenço na cabeça. Da esteira a gente vê um canto onde são empilhados pranchas e pedaços de chapa. A gente observa, a gente observa. Pranchas e chapas e as três linhas do canto. Há também panos. Sob as pranchas e a chapa tem cimento. As pranchas e os pedaços de chapa vão por todas as direções. Os panos são fracos.

Fonte: tradução de autoria própria da referida obra.

APÊNDICE D - Excertos da tradução do quarto capítulo de *L'excès - L'usine*, de Leslie Kaplan, para o português brasileiro.

Quadro 8 - Trechos pareados de tradução brasileira de *L'excès - L'usine*, de Leslie Kaplan.

<i>L'excès - L'usine</i>	<i>O excesso - A fábrica</i>
[...] Pièces, morceaux et vie, l'usine. Et brique et tuile. Et entre et sort. Et droite et gauche et brique et tuile et mou et gras et tourne et tourne et vie et vie et bois et clou et fer et fer et entre et sort et tourne et bruit. Jamais un cri. L'usine. Pièces morceaux et vie, l'usine, et fer et fer et vie et vie et brique et tuile et entre et sort et vie et vie et clou et clou. On ne sait pas, on ne peut pas savoir.	[...] Peças, pedaços e vida, a fábrica. E tijolo e telha. E entra e sai. E direita e esquerda e tijolo e telha e mole e graxa e gira e gira e vida e vida e tábua e prego e ferro e ferro e entra e sai e gira e range. Jamais um grito. A fábrica. Peças, pedaços e vida, a fábrica, e ferro e ferro e vida e vida e tijolo e telha e entra e sai e vida e vida e prego e prego. A gente não sabe, a gente não pode saber.
<i>L'excès - L'usine</i>	<i>O excesso - A fábrica</i>
La rue est une rue sous le ciel de l'usine. On entre dans la cour. On voit les caisses. Les planches sont là, étendues. Nappes de plastique bleu, au fond. On entre dans la cour. Dans un coin, les escaliers. Les escaliers sont en fer, fragiles. Là-haut, la chaîne est suspendue. On monte. Les escaliers sont fragiles. Le fer, quelle misère.	A rua é uma rua sob o céu da fábrica. A gente entra no pátio. A gente vê as caixas. As prateleiras estão lá, estendidas. Toalhas de plástico azul, ao fundo. A gente entra no pátio. Em um canto, as escadas. As escadas são de ferro, frágeis. Lá em cima, a esteira é suspensa. A gente sobe. As escadas são frágeis. O ferro, que miséria.

Fonte: tradução de autoria própria da referida obra.